



Herculano Neto

cinema



Prêmio
Braskem
Cultura e Arte

casal 17 de
PALAVRAS
1973

C I N E M A

Herculano Neto
2008

*Para Santo Amaro,
uma cidade sem cinemas*

*Para Bruno e Beatriz,
Cine e Cesca
este inventário*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

A Poesia sem fronteiras de Herculano Neto, por Miguel Carneiro

FILMOGRAFIA

Por que você faz poema?

Pejo

Versos Excluídos

Sinopse

Inês

Sala de Arte

Soterópolis

“Lembranças de donzelas do tempo do Imperador”

Meia-noite Travestida

Madri

O Perdedor

Para ninar o meu amor

O Cantor de Jazz

Outro Carnaval

Costas nuas

Pano de Boca

Ainda Lembro

Isabela Boscov não viu o meu documentário

Placebos

Epitáfio I

CURTA-METRAGEM

Adeus Curitibanos

Fantasmas (não) existem

Curta-metragem

Soturno

Um Miserável a ver Navios

Inevitavelmente
A Aventura
A Noite
O Eclipse
Batalha Naval
Epitáfio II

MATINÊS

Domingo
Das Matinês
“Morangos Silvestres”
Araçá-Mirim
De Cor e Salteado
A Cena Muda
De um caderno juvenil com adesivos de “amar é...”
Rádio novela
Fotonovela
1989
Fazendo de Conta
Flor Marginal nº 02
Quebradeira
De Cara
Poucas & Boas
La Película
Meu Silêncio
Cinema
Epitáfio III

POESIA SEM FRONTEIRAS DE HERCULANO NETO

A poesia é invenção de anjos, porém ainda há muitos de asas caídas ao chão, sem alçar grandes vôos, no universo de *nove mil oitocentos e noventa e sete poetas brasileiros vivos*, segundo a pesquisa da poeta carioca Leila Mícolis. Mas ao lidar com o universo poético na terra de Gregório de Mattos e Guerra, é como se cego fosse, e ao pedir esmola em porta de igreja, a cuia viesse sempre vazia - infelizmente.

Sinto-me com o coração encharcado, isto é, de alma lavada pela vitória alcançada por Álvaro **Herculano** Barboza **Neto** e Márcia Tude, que tiveram suas obras reconhecidas pela banca examinadora (Antônia Herrera, Bete Capinan e Maria Sampaio) do Prêmio **Braskem** 2007 de Literatura.

Herculano Neto, poeta, letrista, blogueiro há anos, mantém na rede de computadores os blogs: *Por que você faz poema?* (<http://herculano.zip.net>) e *O Ataque*: (<http://oataque.zip.net>). É também cinéfilo, cineclubista, coisa rara nesses dias de hoje. Toca este valoroso empreendimento renovador ao lado dos meus amigos de Santo Amaro, purificando o olhar estético da nova geração. Herculano Neto possui a lírica pungente e certa, tal qual a bela canção *Vaca Profana*, em cuja pérola velosiana, *Derrama o leite bom na minha cara / E o leite mau na cara dos caretas*, que é, como vimos, da lavra do poeta santamarense.

Segundo Jorge Calmon,¹ Santo Amaro nasceu por volta de 1700, “na várzea onde os frades beneditinos haviam edificado sua pequena igreja, desenvolvera-se, constantemente, graças a três fatores principais: o porto fluvial, considerado o melhor do Recôncavo, necessário ao embarque de açúcar, farinha, fumo e madeira; o fato de ser ponto de convergência de duas importantes estradas, a que vinha do Maranhão, atravessando os sertões, e a que descia, em sentido oposto, para as Minas Gerais e Rio de Janeiro”. Santo Amaro da Vila da Purificação, a mesma bela terra que abriga casarões imponentes e engenhos do ciclo do açúcar, o Cais do Conde, as mágicas cachoeiras Vitória e Urubu em Pedras, e que também gerou Assis Valente, Tia Ciata, Maria Bethânia, Dona Edith do Prato, Jorge Portugal, Pe. Gaspar Sadock, Herundino Leal, Zilda Paim, Pedro Tomás Pedreira, Adroaldo Ribeiro Costa, Gustavo Vianna, Maria Mutti, Zé Wilson Bacelar, João Obá do Bembé do Mercado, Popó do Maculelê, Mestre Besouro Cordão de Ouro (Manuel Henrique Vieira), Elesbão, Aberê, Onze Homens, Edvaldo Assis, Jorge Bóris, Yvan Argolo, Márcio Valverde, Antônio Vieira, Mano Décio da Viola e a doçura de José Silveira, criador do Hospital Santo Amaro, um dos privilegiados baianos na década de 20, que veio da Europa a Bahia num Zepelim. Até quem não é de Santo Amaro adota o toponímico, - é o caso de José Gomes, que assinava os folhetos de cordel como: “*Cuíca de Santo Amaro, Ele o Tal*”.

Acontece que hoje, esse mesmo chão se acha infestado com a peste do chumbo (Pb) e cádmio (Cd), gerando

¹ Calmon, Jorge. Santo Amaro, devoção de José Silveira. Salvador: Academia de Letras, 2004. In Vilhena, Luiz dos Santos. Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasília. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1921, Livro II, p. 503.

enormes efeitos de poluição e contaminação, em nível endêmico, encravados em cada quintal e arruinando o Subaé e seus afluentes. Foram eles, os malditos da COBRAC, desde que se instalaram em 1960, que lançaram com total irresponsabilidade, naquele sagrado espaço geográfico, essas perversas substâncias químicas, que comprometeram o ecossistema da região, o manguezal, os mariscos, os peixes, pondo em risco toda a população da grei de Nossa Senhora da Purificação, Acupe, do povo bom do samba-de-roda de São Braz, matrizes eternas e sempre lindas guardadas em meu coração caatingueiro.

Herculano é um aguerrido poeta, de sorriso tímido, que leva seus versos para além da fronteira da província. A parceria que empreendeu com o compositor Roberto Mendes o levou a extrapolar as cercanias da mediocridade baiana do axé-music, já que o cantor Raimundo Fagner registrou em disco com sua voz os belos versos deste poeta amigo santamarense em *Faz de Conta*.

Vitorino Nemésio mostra que: *“A indagação lírica em língua portuguesa nasce muito mais de uma representação do mundo e da memória do mundo...”*². A poesia de Herculano está fincada nesse calcanhar de Aquiles, nessa solidão, num mundo conturbado e caótico que despenca, ao nosso olhar, em um universo pleno de traições e ciladas. Sabe-se que em nossos tempos o lucro, a exibição em pífios lançamentos, no engodo do verso fraco, permeia a literatura da província e a quadra em que vivemos.

² Ventura, Ruy. **OS AFORISMOS DE ANTÔNIO RAMOS ROSA**

(brevíssimo apontamento seguido de antologia) In
Arquivo de Renato Suttana: <http://www.arquivors.com>

Ruy Ventura ainda proclama: “*Se o grande poeta aparecesse, quem aqui estaria para reparar nele? Quem poderá dizer se não apareceu já? O público leitor vê nos jornais recensões da obra de homens cuja influência e amizades os tornaram conhecidos, ou cuja subalternidade os tornou aceites pela multidão. O grande poeta pode já ter aparecido [...].*”³ E quem poderá dizer que Herculano Neto não é um destes eleitos? Quem? Qual destes supostos críticos semanalmente presentes em rodapé de suplementos literários de jornais baianos questionaria essa minha constatação? A indagação não fica no ar, nem nunca ficará, pois, desde que vi, pela primeira vez, a poesia deste moço, em “OS OUTROS POEMAS DE QUE FALEI”, na antologia baiana, editada em 2004, pelo **Banco Capital**, que os versos de Herculano Neto me encantaram, e como me encantarão sempre, enquanto por aqui estiver zanzando nesse andar de baixo.

Foram os irmãos Louis e Auguste Lumière, que eram franceses, que conseguiram projetar imagens e que inventaram o cinema, e *O Cantor de Jazz* de 1927, feito por Al Jolson, é uma celebridade dentre todos, por ser o primeiro “filme sonoro” do mundo, mas foram os brasileiros que transportaram a sétima arte até o alcance do povo. Não se deve olvidar que foram os diretores Nélson Pereira dos Santos, Olney São Paulo e Glauber Rocha que fizeram da cinematografia um instrumento e bandeira de luta e clamor para afirmação Nação Nordestina.

Cinema, o livro de Herculano Neto, traduz num grande *travelling* a paisagem do Recôncavo e cercanias, ora em grande planos, ora em planos fechados no rosto de seus inúmeros anônimos. O poeta não tem medo de se expor.

³ Op. Cit.

De verve sarcástica, brinca com seu *humour noir* ridicularizando a carece da província, fazendo de seus versos testemunhos da contemporaneidade na qual ele trafega com desenvoltura. O livro tem cheiro, é forte, deixando-nos zozos de tanta *obviedade*. Às vezes se mostra triste como José Joaquim Cesário Verde e, solitário, o poeta tange madrugadas em busca de abraços e colos. Re-enfoca com maestria os destroços da alma. Burila a memória com um sopro a perscrutar os porões do esquecimento do passado. Seu olhar de *falco perigrinus* enxerga a cidade sem lupa, de cara, e a constatação de que “Cinema” tem assinatura e voz próprias, e é uma das grandes revelações do fazer poético baiano, traz sua marca em relevo como devem ser os grandes poetas e vem carimbado em cada verso que abre cada fotograma, numa grande angular com seu olhar perspicaz. O poeta canta as mazelas da pseudocidade, com suas personagens noturnas e exóticas. A urbe amanhece aos olhos do poeta com lágrimas de concreto e vergalhão, a poesia está indo embora em cada espigão que se ergue, e a paisagem madrilena surge em preto e branco em uma película a que o poeta assiste na Purificação.

Herculano Neto guarda a infância como algo precioso e inesgotável de inventários, e a filmografia avança a cada página trazendo lembrança e saudade de matinês esquecidas num canto da sala dentro de um saco vazio de pipoca. A evocação de lembranças amargas eclode nos versos deste poeta, *quando mainha chamou / - vem pra dentro que invernou! / era de tarde e eu ainda não sabia o que era a melancolia / quando mainha chamou / o quintal era grande / chôle e os vizinhos ainda estavam vivos / eu era outro menino / quando mainha.*

E para celebrar estes fotogramas perdidos nos recônditos da alma do poeta saudamos o novo mundo que o poeta anuncia no poema “de cara”: *conheço uns caretas muito loucos / e uns muito loucos mais caretas que os caretas/ conservadores cheios de não-me-toques e pitis / também conheço caretas bem caretas / chatos de dar dó / desses, quero distância...* E o poeta faz de seus versos encantamento da realidade, driblando a mediocridade do cotidiano banal: *me vejo nos retalhos da colcha de minha vó / nas peças de roupa estendidas no varal que ficava na rua / (caso perdido/ tome tenência) / acreditei em muitas mentiras.*

Miguel Carneiro

***“A solidão me seguiu a vida inteira,
em todo lugar. Em bares, carros,
calçadas, lojas, em todo lugar.
Não há como fugir.
Sou o homem solitário de Deus”.***

**TAXI DRIVER (1976)
Direção: Martin Scorsese**

FILMOGRAFIA

por que você faz poema?

Para Joaquim Pedro de Andrade

para dizer sem dizer
e irritar quem não me entende
(quem me detesta
mas esmiúça minha palavra)

para alentar meu público fiel
meu público efêmero

para exibir minha verve
em troca do elogio oco
do pouco-caso

para que os conhecidos
busquem meus enganos nas entrelinhas
e os desconhecidos espelho na minha farsa

para transformar minha frase em verso
meu verso em canção
cartão-postal
epígrafe
tatuagem
epitáfio
sacada genial

“para chatear os imbecis”

pejo

quisera o auto-retrato

a face dissimulada do hedonista
do dândi suburbano
do canastrão de cinema-mudo

mas a rédea que conduz a pena
oculta
risca
complica
mutila

aborta seus versos mais confessionais

versos excluídos

tenho vocação para o abismo
para o abraço

tenho fixação por detalhes
por olhares
por silêncios

sou irremediavelmente insatisfeito
displicentemente franco
o melhor amigo dos meus amigos
o melhor amante das minhas tristes

obsessivo

tenho vocação para infelizes

sinopse

“Sou o cheiro dos livros desesperados”.

C. Veloso

sou feito de hipóteses:

a mais provável é a que
melhor me desmente

sou feito de equívocos
contradições
convicções
borboletas

sou vela acesa
na noite das angústias

inês

ah, inês
quanta desfaçatez
quanto desleixo no meu coração

(quanto silêncio)

o que fez você na minha poesia?
título com nome de mulher
coração
interjeição
rima pobre

ah, inês
quantos destroços

sala de arte

ela era precisa
incomum no seu modo
de posar para os pinceis sem pudor
fazia teatro com seres descolados
menina de fino trato
traços firmes
gênio forte

em seus vestidos coloridos 70's
era a dona da bola
comerciais – figuração – curtas
furtava a cena nos recitais do passeio público

de quando em vez
nas sessões européias da sala de arte
exibia-se *blasée*
com a tez pálida
e austeras armações modernas

caiu no mundo
ganhou a estrada
há sempre quem diga
à boca pequena cheia de maldade
que no sul faz vida

indiferente ao que dizem
carrego minha saudade

soterópolis

cidade alta

cidade média

cidade abaixo das expectativas

“lembranças de donzelas do tempo do Imperador”*

da janela do meu apartamento
vejo outras janelas de apartamento
janelas fechadas
cortinas
um muro
aviões

da janela do meu apartamento
eu não vejo a Bahia

*** CAYMMI, Dorival. Você já foi à Bahia. Columbia, 1941**

meia-noite travestida

deixei-a na rua da forca
sozinha
inebriada
inibindo a chuva

deixei-a na rua da forca
com todos os seus brilhos
suas cores
e assessórios adicionais

madri

penso naqueles deslizes
na dissimulação
nas cartas na mesa
na virada de mesa

penso na melancolia que me cai em agosto
e num antigo filme
quase preto-e-branco
que assisti numa madrugada em santo amaro

penso
enquanto aguardo os touros na arena
o veredicto
o epílogo

o perdedor

*“E eu que já não sou assim
muito de ganhar”.*

M. Camelo

se enganou com as evidências
engoliu a seco
baixou a cabeça
perdeu o fio da meada

faltou coragem
vontade
postura

(muito quis)

fez da vida um exaustivo
recomeçar

para ninar o meu amor

ando farto do quase
do meio-termo
das boas maneiras

do mais ou menos
e do *pode ser* dito de
canto de boca
(do talvez não quero saber)

ando farto de lugares-comuns
e olhares esquivos
das cartas marcadas
e do disse-me-disse
das galerias

ando farto de
finais felizes

o cantor de *jazz*

canto
por sina
desencargo de consciência
ócio
crença

canto
pelo aplauso
mesmo o mais automático
pela migalha
pelo bravíssimo

canto choro grito
me multiplico
me dispo
me confundo

canto
sozinho
pra ninguém
pra lua

canto
canto
canto

não há canção sem dor

outro carnaval

sou uma porta-bandeira
sem samba-enredo
sem adereço
sem alegria

sou uma porta-bandeira
sem cadência
sem evolução
sem fantasia

sou uma porta-bandeira
sem artifícios
sem cor ou brilho

sem eira nem beira

costas nuas

o longo vermelho
frente única
não esconde a tristeza
da moça que retoca a maquiagem

pano de boca

lúrido
lúgubre
lúbrico
lúcido

no espelho do camarim
apenas um ser lúdico

ainda lembro

Para Edgard Navarro

guiga mai frend
relaxe
o mundo é super
o mundo é outro

o mundo é cardinales
bonitas
nouvelle vague no
guarani
alice no palácio das
maravilhas
san filipo no
canal 100

guiga
o mundo é luluza
no carnaval

isabela boscov não viu o meu documentário

faço poses
para uma vitrine de tarjas pretas

(recolho a barriga
observo de soslaio)

o reflexo tosco
me diz sem escrúpulos
que tenho prazo de validade
e hora marcada para ser feliz

queria discordar
mas não há argumentos

placebos

*“Não quero mais a fúria
da verdade”.*

Ana C.

cultivo minhas utopias
perfeitas e coloridas
refúgio onde me encontro
sozinho
frágil

nas transversais da cidade média
passo do conforto para a dor
trago na boca o desespero
e um hipotético sabor
de canela

ao cumprimentar timidamente
os que não esqueceram meu rosto
escondo minhas fissuras
e mágoas
(doses homeopáticas
de sarcasmo)

esboço felicidade
e artefinalizo melancolia
amiúde me deparo sem norte

não posso estranhar o desprezo

epitáfio I

fez muito barulho por nada
morreu silenciosamente

CURTA-METRAGEM

adeus curitibanos

nunca mais
e o desejo do beijo
entre aspas

um até
e um sutil aceno
de dedos

ano após ano

fantasmas (não) existem

era mais que oscilar
era tamanha a incerteza
tanto recato
uma ânsia

era demais o medir
e pouco o arriscar

curta-metragem

foi tão breve o amor
o tempo de queimar o cigarro
de pedir outra dose
de esvaziar os armários
de mudar de canal
de mudar de idéia

foi tão breve o amor

soturno

morrendo em lorca
economizando esperanças
galgando terror e ainda perdido

(muros pálidos, faces grafitadas)

procurando algum olhar complacente
e/ou um ventre aquecido

fatigado em qualquer canto

um miserável a ver navios

sempre perco
sempre falta
sempre sofro
sempre fico a ver navios

*(“sem sentido para o céu
indiferente para o inferno”)**

sempre despedaço
sempre precipito
sempre espero
sempre fico com as mãos abanando

miserável esmolando afeto é o que sou

inevitavelmente

face a face vejo tua distância

meus olhos rasos
teus olhos desviados

nada os aproxima

a aventura

naquelas mãos de renda
(desfiando o amor)
estive por um fio

naquelas mãos de fonte
(bebendo a cântaros o amor)
estive por um fio d'água

a noite

passo noites inteiras
admirando os quadros
pintura abstrata
auto-retrato

passo noites inteiras vagando
de um lado ao outro da casa
olhando as paredes desbotadas
contando as gotas na vidraça

passo as noites
procurando pelos cantos
um resto de alguém
que a vassoura não levou

o eclipse

invadiram a casa
picharam os quadros
quebraram os vasos
chutaram os gatos
mas a minha ironia ninguém levou

batalha naval

meus sonhos naufragaram

epitáfio II

aqui jaz um homem sem nenhuma moral
um medíocre
um insignificante

um reles contador de histórias

MATINÊS

*“O definitivo jeito de me envelhecer
é corrigir meus dentes.*

*Os dentes tortos
são minha infância”.*

FABRÍCIO CARPINEJAR

domingo

o domingo me apresenta
sua mansidão desesperada:
tudo é calor e silêncio

folheio com enfado
as páginas do jornal
e já não me basta a cerveja

tudo é amargor

das matinês

valéria se enfeitava inteira
para as sessões de kung-fu do itinerante

eu ia de qualquer jeito

mas a falta de opção
nos acompanharia pela vida afora

dos drinques sem gelo
às noites de controle-remoto

“morangos silvestres”

quando mainha chamou
- *vem pra dentro que invernou!*
era de tarde e eu ainda não
sabia o que era a melancolia

quando mainha chamou
o quintal era grande
chôle e os vizinhos ainda estavam vivos
eu era outro menino

quando mainha

araçá-mirim

me vejo nos retalhos
da colcha de minha vó
nas peças de roupa estendidas
no varal que ficava na rua

*(caso perdido
tome tenência)*

acreditei em muitas mentiras

de cor e salteado

sei dos compassos e solfejos
nas lições do Apolo
de seu Dois
e do cheiro noturno das Carapiás

sei dos vaga-lumes para gostar de ler
dos almanaques
catecismos
tabuadas e policiais

sei das horas que esperei
outra reprise do cine shanghai
de matilde
helen e aldine

sei do dinheiro contado
e das manhãs sonolentas
a passos vagarosos
na ladeira do polivalente

a scena muda

no pôster do quarto
brando me observa com os braços cruzados
e o olhar enigmático
conforme legenda de *A Scena Muda*

brando observa o que resta do meu “nem pensar”
e eu
definitivamente
desisto

**de um caderno juvenil
com adesivos de “amar é...”**

alguns sabem
outros desconfiam

(não disfarço bem)

pena é você fingir
que não sabe
ou realmente não saber

fere

rádio novela

chorava e chovia
na mesma porção d'água

e os estilhaços da vidraça
aceleravam o coração

fotonovela

paisagens
expressões
balões

tantas idas e vindas
tantas despedidas
tanto lugar-comum

1989

tenho estado assim
desde aquele ano
a inocência não me quis
nada me quis

tenho vestido dramas
todos os anos
em todas as lógicas
em tudo que faço

tenho perdido tempo
em caminhos de cacos
em atalhos de espinhos

tenho andado triste

fazendo de conta

nem sempre andei assim
às vezes andei por aí

flor marginal nº 02

flores astrais
flores marginais
nos canteiros
nos velórios
nos enlaces
nos jardins

flores em mim

flores de plástico
flores de bálsamo
nos bares
nas calçadas
nas palavras
nas janelas do caquende

flor que se cheire

quebradeira

ontem teve roda de samba
e eu fui pro samba quebrar:

... quebrei o prato ...

de cara

*“Uns tomam éter, outros cocaína
eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria”.*

M. Bandeira

conheço uns caretas muito loucos
e uns muito loucos mais caretas que os caretas
conservadores cheios de
não-me-toques e pitis

também conheço caretas bem caretas
chatos de dar dó
desses, quero distância

e conheço loucos que não contam conversa
vivem na ponta

poucas & boas

nunca fui o mocinho

perdeu quem apostou
as fichas no contrário

não fui o príncipe encantado
 não fui sapo
 antagonista
 coadjuvante
 sequer figurante

ainda mereço poucas & boas
por tanto interesse despertado
 tanta atenção desperdiçada

la película
(comédia romântica da metro ou
chanchada da vera cruz)

ELE: joão ninguém
ELA: fulana de tal

ELE: plano seqüência
ELA: plano fechado

ELE: urso de prata
ELA: capa de revista

ELE: do branco & preto falado para o technicolor
ELA: telenovelas

ELE: participação especial
ELA: flashback

meu silêncio

Para Roberto Mendes

muitas vezes me calei
e se cantei meu sofrimento
foi pra fazer do meu lamento
refúgio e morada

muitas vezes me calei
e se vesti meu sentimento
foi pra extrair do meu silêncio: palavra

cinema

*“Você nunca vai saber
quanto custa uma saudade
o peso agudo no peito
de carregar uma cidade”.*

P. Leminsky

cresci numa cidade
onde não havia mais cinemas
as cenas aconteciam nas ruas
nas gentes
projetadas a esmo

personagens felinianos
se sucediam
nas seqüências
da minha infância

cresci numa cidade
onde não havia muita coisa
apenas história pra contar

epitáfio III

e as flores
continuam lindas